

# TRABALHO DOMÉSTICO E SUAS COMPLEXIDADES: UMA AVENIDA ENTRECRUZADA POR RAÇA, GÊNERO E CLASSE

*HOUSEWORK AND ITS COMPLEXITIES: AN AVENUE  
CRISSCROSSED BY RACE, GENDER AND CLASS*

## AUTORES:

### **Carolina Giordano Bergmann**

Mestre em Música, UNESP; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal Catarinense – IFC. E-mail: carolinabergmann@gmail.com

### **Miriam Pillar Grossi**

Doutora em Anthropologie Sociale Et Culturelle, Université Paris Descartes; Professora Titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: miriam-grossi@gmail.com

"Eu sou filha única de Maria, mulher negra nascida em Conceição da Barra de Minas, interior de Minas Gerais, e trabalhadora doméstica. Sou de uma geração de domésticas" (p.17). É com esta frase que Juliana Teixeira<sup>1</sup> se localiza no tema e inicia seu livro Trabalho Doméstico, publicado em 2021, que compõe a coleção Feminismos Plurais<sup>2</sup> e que ao longo de suas 246 páginas discute o trabalho doméstico, historicizando a condição dessas trabalhadoras e as interseccionalidades de raça, gênero e classe que atravessam este grupo. Ela nos leva por um caminho que inicia com a sua experiência pessoal de ser filha de uma trabalhadora doméstica que não tinha com quem deixá-la e, por meio de relatos de diferentes mulheres, nos mostra o quanto o racismo estrutural, o preconceito de classe e a branquitude compõem o universo destas trabalhadoras. Ela nos mostra, também, como o feminismo negro e a luta coletiva podem contribuir para a conquista e garantia de direitos, bem como para o enfrentamento ao racismo e às desigualdades de gênero e de classe.

O livro é dividido em cinco partes, além do capítulo com as notas e referências. Nele a autora se propõe, por meio do relatos das trabalhadoras domésticas que fizeram parte da sua pesquisa, a discutir o trabalho doméstico buscando suporte analítico em autores que discutem raça e branquitude, bem como em diversas intelectuais negras. Isto torna a leitura rica de referências para quem desejar conhecer ou se aprofundar nesses assuntos. Além disso, Juliana nos lembra ao longo de todo o texto o quanto a escravidão foi central na construção do trabalho doméstico atual e na forma como estas trabalhadoras têm sido tratadas ao longo do tempo, destacando o quanto esta construção é colonial.

A autora começa a obra informando que focará no trabalho doméstico remunerado, apesar de falar brevemente sobre o não remunerado, e apresentando alguns dados sobre esta atividade. Logo de início somos apresentados à informação de que 20% das mulheres no Brasil são trabalhadoras domésticas remuneradas e 64% delas se autodeclararam negras (SANTOS, RODRIGUES e GALVAAN, 2019). Um dado interessante é que 97% do trabalho doméstico é executado por mulheres e as atividades que são executadas por homens são aquelas que estão fora do âmbito doméstico fechado como por exemplo, jardineiro e caseiro. É neste momento que a autora inicia uma discussão, que será aprofundada no decorrer da obra, sobre quem pode ocupar o espaço público, (os homens) e a quem é destinado o espaço privado (as mulheres). Este é um tema já bastante discutido pelo feminismo, porém a autora nos lembra que as mulheres negras, desde a escravização, ocuparam, trabalhando, tanto espaços públicos quanto privados. Porém, com a abolição da escravatura o trabalho doméstico se tornou um dos principais meios de sobrevivência dessas mulheres. É ainda neste início que a autora define o que é empregado doméstico e os vínculos como mensalista ou diarista.

Após esta breve introdução, a autora discute como a escravidão foi fundamental para a consolidação do trabalho doméstico nos moldes atuais. Conforme já mencionamos, as mulheres negras escravizadas podiam trabalhar tanto nas atividades dentro das casas quanto em atividades externas. Porém, havia uma escolha estética das trabalhadoras que se dedicariam ao serviço doméstico pois elas estariam mais próximas das famílias dos senhores e isto fez com que surgissem distinções entre estas duas categorias de trabalhadoras.

Apesar das escravizadas domésticas serem consideradas privilegiadas socialmente por andarem mais bem vestidas, em contrapartida elas estavam mais sujeitas a constrangimentos e maior submissão à vio-

1 Juliana Teixeira é doutora em Administração e, além de escritora, é professora e pesquisadora.

2 Esta coleção é coordenada pela escritora Djamilia Ribeiro e tem por objetivo "trazer para o grande público questões importantes referentes aos mais diversos feminismos de forma didática e acessível. (...) A coleção é organizada e escrita por mulheres negras e indígenas, e homens negros de regiões diversas do país" (p.13-15). É uma tentativa de romper com as narrativas dominantes.

lência sexual que, ao longo do tempo, levou a uma associação da imagem da trabalhadora doméstica e das mulheres negras a temas de conotação sexual e sua hipersexualização. Este processo de objetificação sexual das mulheres, de acordo com Carla Akotirene (2020), é muito mais violento com as mulheres negras por conta da intersecção das categorias gênero e raça. Juliana também nos apresenta a situação das escravizadas após a abolição e o quanto a sensação da perda de controle dos senhores sobre os escravizados contribuiu para a forma como as relações entre eles foram se construindo. Tais relações se embasaram no sentimento de desconfiança, medo e na ideia da pobreza como ameaça, o que gerava a necessidade de controle permanente.

O capítulo é uma incursão no processo de transformação das mulheres escravizadas em trabalhadoras domésticas, a construção do ideário em torno destas trabalhadoras e em como ele molda as relações de trabalho até hoje, e termina discutindo as legislações e suas contribuições para as conquistas de direitos desta categoria.

Após apresentar este processo histórico, Juliana se aprofunda no tema da interseccionalidade entre raça, gênero e classe no trabalho doméstico. É o capítulo mais longo do livro onde somos apresentados aos pensamentos de Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Carla Akotirene, Angela Davis, dentre outras pensadoras feministas negras, que nos ajudam a olhar para o trabalho doméstico sempre de forma interseccional já que, de acordo com Carla Akotirene (2020, p. 24-25) "é da mulher negra o [próprio] coração do conceito de interseccionalidade". Juliana divide este capítulo refletindo sobre a interseccionalidade de três formas. A primeira delas é a articulação do gênero interseccionado a raça e classe e neste momento a autora apresenta alguns conceitos de gênero e retoma o tema do cuidado como atividade entendida e normalmente colocada sob responsabilidade das mulheres. A falta de apoio e suporte para as atividades de cuidado acabam 'empurrando' as mulheres para trabalhos informais mais precarizados, dentre eles o trabalho doméstico, pois precisam ter mais autonomia de horários para lidar com as demandas que surgem das responsabilidades do cuidado que são imputadas a elas.

A segunda forma de articulação é a da raça interseccionada à gênero e classe e é aqui que a autora reflete sobre o conceito de 'neurose cultural brasileira' criado por Lélia Gonzalez (1984) e de como ele embasa seu argumento de que a trabalhadora doméstica tem como antecessora a escravizada doméstica. De acordo com Juliana, "a neurose, para Gonzalez, é uma maneira cultural brasileira de se ocultar os sintomas do racismo e seus desdobramentos" (p. 114). E a autora continua: "eu acrescentaria que essa neurose cultural discutida por Lélia Gonzalez se liga, para o entendimento do trabalho doméstico, à nostalgia que a servidão das mulheres negras representou no contexto brasileiro" (p. 115). É também neste tópico que a autora compartilha conosco sua experiência pessoal de ser a filha de uma trabalhadora doméstica que não tinha com quem deixar a filha e o quanto esta posição a fazia sofrer por testemunhar a tristeza de sua mãe ao se sentir desvalorizada e humilhada em seu trabalho.

A terceira articulação da autora é da classe interseccionada a raça e gênero e é nesta parte do trabalho que a autora começa a discutir sobre a importância do coletivo, do grupo para a conquista e manutenção de direitos. É emocionante ler o testemunho da própria autora que, quando criança, tentava encontrar algo positivo no trabalho da sua mãe e este algo era a possibilidade de comer coisas diferentes e boas que faltavam na sua casa. Refletindo sobre esta situação a autora considera que comer coisas boas e diferentes deveria ser um direito e não um bônus do trabalho realizado. Para Juliana esta falta de direitos e este tipo de situação fazem com que as pessoas tenham dificuldades de se reconhecerem como grupo para lutar por justiça. É ainda neste capítulo que Juliana discute brevemente a situação das trabalhadoras domésticas durante a pandemia de COVID-19, que praticamente foram impedidas de fazerem a quarentena em casa de forma remunerada porque muitos decretos estaduais consideraram o serviço doméstico como "essencial"

durante a pandemia. Juliana relembra o caso do menino Miguel, que caiu do prédio onde a patroa da sua mãe morava, para abordar o tema do cuidado das crianças das trabalhadoras. A autora encerra o capítulo compartilhando algumas postagens de patroas, em uma rede social, comentando o comportamento das diaristas para ilustrar o quanto o padrão classista de definição do outro é uma prática da branquitude. Esta é a introdução para o capítulo seguinte, que a meu ver é um dos pontos positivos desta obra porque discute a branquitude e o racismo estrutural.

Por defender que o trabalho doméstico é uma versão atual do trabalho escravocrata, Juliana considera que as relações envolvidas neste trabalho não devem pensar apenas os sujeitos racializados como negros, mas o outro lugar desta relação que é a branquitude. Apresentando vários autores, a autora nos introduz ao conceito e nos ajuda a entender que branquitude também é um lugar: lugar de conforto e opressão na qual o opressor opera. Além disso, ela nos apresenta a categorização de Lourenço Cardoso (2010) de dois tipos de branquitude: a crítica e a acrítica. A primeira desaprovava o racismo publicamente e envolveria um caminho para a postura antirracista. Já a segunda não desaprova o racismo, sustenta que ser branco é uma condição especial e naturaliza a estrutura social atual com base nas ideias da meritocracia, do liberalismo e do neoliberalismo, em que cada um é responsável por sua condição. Desta forma, romper com a precariedade estrutural da população negra seria apenas uma questão de vontade e de responsabilidade deste grupo.

Ao acionar o conceito de branquitude a autora, automaticamente, retoma também o conceito de racismo estrutural e vai nos mostrando o quanto o racismo integra nossa ordem social de forma que, é como se o branco não tivesse raça, como se ele fosse o padrão normativo. Além disso, Juliana aponta para o papel que o Estado tem neste processo de "promover as mudanças que desviem os rumos de todo esse processo histórico discutido neste livro" (p. 190).

Pensando nestas mudanças a autora aponta para alguns caminhos possíveis, considerando que este caminhar e esta luta devem sempre ser feitos com cautela. Uma das primeiras ações é evidenciar a importância do feminismo negro para o debate sobre o trabalho doméstico. Neste ponto a autora faz uma reflexão muito interessante sobre a contribuição do feminismo negro para deslocar o trabalho doméstico deste local inferior onde ele é colocado, pois ao longo da história o trabalho de cuidado sempre foi visto como menos importante quando comparado com outras ocupações produtivas e lucrativas. Para a autora, é o feminismo negro que pode mudar esta concepção do trabalho doméstico porque ele aborda e aprofunda reflexões sobre as influências do racismo e da escravidão na forma como nos relacionamos com este trabalho. Além disso, entender este histórico de violência nas relações de subalternidade envolvidas no trabalho doméstico, romper com a naturalização de termos pessoas negras nas posições de servir, não silenciar essa categoria de trabalhadoras, auxiliando a fortalecê-la, apoiar e proporcionar a capacitação e ascensão econômica das trabalhadoras, desenvolver políticas de diversidade para a colocação de mulheres negras em outros postos de trabalho que não sejam tão precarizados são algumas das ações que a autora considera fundamentais para promover mudanças.

Trabalho Doméstico é um livro importante para quem deseja ter um primeiro contato com o tema. É uma leitura agradável e de fácil compreensão, mas ao mesmo tempo também é profunda e densa, por apresentar vários conceitos e autores e nos fazer repensar nossas próprias compreensões sobre esta atividade que está presente nos diversos espaços em que transitamos. Desta forma, a autora consegue abordar com profundidade a questão da mulher como categoria diversa, discutindo as opressões vividas pelas mulheres negras e que não foram contempladas pelo feminismo branco.

A obra também contribui teoricamente para todas as pessoas que buscam ser antirracistas. As discussões a respeito da branquitude e do racismo estrutural são apresentadas articuladas com os relatos das

trabalhadoras domésticas em uma dimensão sensível desta importante questão teórica. Além disso, o livro cumpre importante papel para a compreensão dos feminismos negros ao mostrar como o trabalho doméstico é entendido e percebido pela sociedade brasileira e ao propor ações para romper com esta situação e melhorar as condições de vida destas trabalhadoras. É uma leitura que, com toda a certeza, amplia horizontes e estremece algumas das nossas certezas.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v. 8, n. 1, p. 607–630, 2010.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, p. 223–24, 1984.

SANTOS, Vagner dos; RODRIGUES, Izabella Oliveira; GALVAAN, Roshan. It is not what I planned for my life. Occupations of live-in domestic workers. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 27, n. 3, p. 467–479, 2019.

TEIXEIRA, Juliana Cristina. *Trabalho doméstico*. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2021.

## CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

CGB e MPG contribuíram igualmente na escrita desta resenha.

Recebido em: 19/07/22 Aceito em: 10/01/23

